

DISCURSOS SOBRE MEIO AMBIENTE E SOCIEDADE NO WEBJORNALISMO: ANÁLISE DE TRÊS EXPERIÊNCIAS VOLTADAS PARA A AMAZÔNIA

Tatiana Nazaré Amaral Ferreira

Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura – Unama

RESUMO: Este artigo investiga discursos sobre meio ambiente e sociedade na cobertura jornalística dos sites *Amazonia.org*, *Globo Amazonia* e *O Eco Amazônia*. As três experiências também foram estudadas em relação às principais potencialidades e características do jornalismo na internet. Os resultados mostram a utilização de discursos jornalísticos cristalizados sobre a Amazônia, traduzidos como envolvimento superficial com a região e com os dilemas socioambientais vivenciados de perto pelas populações locais.

PALAVRAS-CHAVE: Webjornalismo, Amazônia, discursos, meio ambiente, mídias sociais

1. Introdução

Este artigo é resultado da pesquisa desenvolvida no Programa de Mestrado, que deu origem à dissertação.... Nele, analisam-se três sites jornalísticos que noticiam exclusivamente a região amazônica. São eles: *Amazônia.org*, *Globo Amazônia* e *O Eco Amazônia*¹. Inicialmente, as três experiências foram estudadas com base nas principais características do webjornalismo. Na segunda etapa, tomando com referência teórico-metodológica as discussões sobre discurso e mídia, a partir das entrevistas com os jornalistas, a pesquisa se voltou para as condições de produção destes sites.

Também foi intenção prioritária investigar os discursos sobre meio ambiente e sociedade na Amazônia, presentes na cobertura, verificando a participação da população amazônica na condição de fonte de informações das reportagens. A pesquisa procurou observar se, ao utilizar ferramentas de interação próprias da internet, o webjornalismo incluía experiências, pontos de vista e propostas elaborados na própria região ou se prevalecia uma abordagem exógena das temáticas selecionadas.

As conclusões evidenciaram que as características do jornalismo na internet, nestes sites, não são utilizadas de forma apropriada, principalmente no que se refere à interatividade com o leitor da região. Também se acredita que o distanciamento entre as redações dos sites pesquisados, localizadas em São Paulo, e a Amazônia compromete a qualidade da produção jornalística e colabora para reforçar antigos estereótipos sobre região.

2. Amazônia no foco do webjornalismo

Os sites que constituem objeto dessa pesquisa têm como objetivo declarado denunciar os graves problemas socioambientais da região e divulgar notícias que contribuam para a preservação da Amazônia. Suas linhas editoriais estão intensamente fundamentadas no discurso ambientalista vigente em nível mundial, neste início de século. É preciso esclarecer, no entanto, que embora os três sites estejam focados na cobertura jornalística da Amazônia, seus projetos estão vinculados a organizações com finalidades bastante diferenciadas. São três projetos com modos de produção, perfis e público também diferentes.

No mês de setembro de 2010, foram realizadas entrevistas com integrantes das equipes em São Paulo, onde funcionam as redações de *Amazonia.org* e *Globo Amazônia*. Já o site *O Eco Amazonia* não conta com sede física. Os contatos com o editor do site, Gustavo Faleiros, aconteceram por e-

¹ Os sites podem ser consultados em <http://amazonia.org.br/>, <http://www.globoamazonia.com/> e <http://www.oeco.com.br/amazonia>.

mail e também no Twitter. Foram entrevistados, ao todo, seis jornalistas. Essa etapa da pesquisa de campo teve importância fundamental para o mapeamento dos perfis das experiências analisadas e para a análise das condições de produção nessas iniciativas.

2.1. Amazonia.org e o formato jornalístico tradicional

O formato de *Amazônia.org*, produzido pela ONG “Amigos da Terra” não traz inovações consideráveis em relação às potencialidades da internet. Portanto, pode ser considerado como webjornalismo de segunda geração, segundo a classificação Mielniczuk (2003). A narrativa jornalística acontece sempre em blocos de texto pequenos, excetuando-se as entrevistas e reportagens que costumam ocupar espaços maiores. Algumas notícias contam com fotos ou vídeos, mas não podem ser comentadas pelos leitores.

Ainda são poucos os canais de participação e interação com o público. Os contatos acontecem por *e-mail* e no microblog de Amazonia.org no Twitter. As entrevistas realizadas com os membros da equipe demonstram que o Twitter começa a ser pensado como um novo canal de comunicação entre leitores e jornalistas, embora ainda prevaleça sua utilização como espaço de divulgação das manchetes do *site* com seus respectivos *links*.

A distância entre a sede da redação e a Amazônia também se reflete na produção das notícias do *site*, como acontece em diferentes proporções nos demais projetos estudados. Esse distanciamento jornalístico é compatível com um posicionamento histórico de diversos atores que acreditam ser possível compreender a Amazônia de fora pra dentro. Assim, tivemos a “invenção” de uma região homogênea, rica em recursos naturais, onde prevalece a invisibilidade humana. Por tratar-se de um dos mais antigos *sites* produzidos sobre a região, sendo inclusive o primeiro que ocorre na busca do Google com a palavra Amazônia, seria de fundamental importância a presença dos jornalistas na região, o que proporcionaria um olhar mais abrangente sobre os temas tratados.

2.2. Globo Amazônia e a pretensão de interatividade

O *site Globo Amazônia* é considerado um caso de sucesso dentre os projetos da área de internet da Rede Globo. Foi lançado em setembro de 2008 com a veiculação de uma série de matérias no Fantástico, dentro de um projeto maior que envolveu também a TV Globo, por meio do programa Globo Rural. Encerrou suas atividades em 2011. O *site* ficou abrigado nos portais integrados Globo.com e G1, das Organizações Globo, maior conglomerado de mídia da América Latina.

Com a publicação de reportagens sobre a Amazônia veiculadas nos vários programas jornalísticos da Rede Globo – como Fantástico, Globo Rural e Jornal Nacional –, o *site Globo Amazônia* também reunia grande parte da produção da rede sobre o tema. Além desse material, o projeto apresentava notícias produzidas por dois jornalistas que escreviam e editavam os textos.

Globo Amazônia criou algumas ferramentas que pretendiam gerar interatividade com o leitor. Mesmo inativo, o *site* ainda mantém na primeira página uma chamada permanente para denúncias de agressões ao meio ambiente presenciadas por moradores ou visitantes da Amazônia. “Sabe de algum crime ambiental na Amazônia? Clique para denunciar” é a chamada que liga o internauta ao “Blog da Amazônia”, onde são postadas as denúncias, reclamações e sugestões do público. Segundo informações da equipe, algumas matérias foram realizadas com base em denúncias encaminhadas pelos leitores da região.

No entanto, ao analisar os mecanismos de interatividade disponibilizados ao público, é preciso atentar ao que Fausto Neto denomina como “estratégias de protagonização do leitor”. Ele observa que as regras para a participação do leitor como cooperador da enunciação ainda são ditadas na esfera da produção. No caso do *Globo Amazônia*, o internauta só encontrará espaço para

emitir sua opinião em matérias previamente escolhidas pela redação, onde estão sinalizadas as caixas de textos para “Comentários do leitor”.

Nas estratégias de protagonização do leitor intensos processos de operações discursivas transformam não só a topografia do dispositivo jornalístico, mas as interações que reúnem produtores e receptores de discursos. A lógica dominante prevê uma espécie de diluição entre as fronteiras que os reúne, na medida em que os receptores são recentemente instalados no interior do sistema produtivo, enquanto co-operadores de enunciação [...]. Entretanto, é preciso não esquecer quais são as regras que definem a sua inclusão e que as escolhas de sua produção são determinadas segundo postulados que permanecem no âmbito da lógica do sistema produtivo propriamente dito (FAUSTO NETO, 2008, p.100).

Os textos apresentados no *Globo Amazônia* são, em geral, curtos e diretos, seguindo a lógica pré-estabelecida de que o leitor da internet, ao passear por seus sites favoritos em busca de informação, não dispõe de tempo para textos longos e profundos. Trata-se do que Santos (2003) denominou como “informação *fast food*”.

Convém lembrar que a inexistência de limitação de espaço não tem levado necessariamente a um aprofundamento da cobertura ou a um jornalismo de tipo mais analítico. Pelo contrário, privilegia-se a instantaneidade e a quantidade de notícias em detrimento do aprofundamento. Esse procedimento coloca quase que em escala industrial a produção e disponibilização de notícias, como se a necessidade de novas informações fosse o único imperativo do jornalismo *online* (SANTOS A. L., 2002, p.72).

Globo Amazônia foi financiado por meio de contrato publicitário com as empresas Ford e Natura, sendo que esta última vem intensificando seu investimento publicitário em veículos que abordam a questão ambiental. No entanto, a atuação da empresa no Pará é polêmica. Ela é criticada por não investir na industrialização de seus produtos na região, colaborando para reforçar a condição histórica da Amazônia como fornecedora de matérias-primas sem que se possa usufruir dos benefícios da verticalização, como a geração de empregos diretos nas linhas de produção.

2.3. O Eco Amazônia e a ênfase na reportagem

O site *O ECO Amazonia* é a mais recente das experiências analisadas neste estudo. Lançado em março de 2010, sua produção é voltada para reportagens especiais sobre a Amazônia, diferente do que acontece, em geral, com *Amazônia.org* e *Globo Amazônia*, que enfocam principalmente o noticiário factual em textos mais curtos. Além das reportagens, são publicados artigos, vídeos, *podcasts* (arquivos de som com entrevistas, por exemplo) e galerias de fotografias. Outro diferencial é a permissão para comentários do internauta em todas as reportagens publicadas, característica de importância relevante no que se refere à interatividade.

Outra característica específica deste projeto é a cobertura ambiental da Pan-Amazônia. Para isso, vem tentando estabelecer uma rede de jornalistas, pesquisadores e líderes da sociedade civil com integrantes de todos os países da floresta amazônica. Com aprovação de financiamento da

Fundação Avina, iniciou-se a criação de uma rede de repórteres *free-lancers* nos nove países e também de articulistas.

O Eco Amazonia pretende atuar na Amazônia como um todo porque defende a sua conservação e, para isso, temos como meta melhorar a qualidade da cobertura jornalística (Gustavo Faleiros, editor de *O Eco Amazonia*. Comunicação pessoal em 22.08.2010).

Inovar no formato da comunicação utilizando ferramentas multimídia e a conexão com as redes sociais na internet é o principal desafio apontado por Faleiros no sentido de tornar o *site* atrativo ao internauta. De fato, em *O Eco Amazonia* percebe-se uma preocupação com a concepção de ferramentas multimídia e interativas para cada reportagem desenvolvida, o que torna seu material jornalístico bastante diferenciado de uma publicação jornalística impressa, por exemplo. Com isso, é possível dizer que o *site* se aproxima das características do “webjornalismo de 3ª geração”.

3. A Amazônia e os discursos do webjornalismo ambiental

Os textos que compõem o *corpus* desta análise foram selecionados com base nas fontes e assuntos mais frequentes nos sites pesquisados, no período de observação que abrange os meses de junho, julho e agosto de 2010. Esse intervalo foi escolhido principalmente em função da produção regular de matérias nas três experiências e também por tratar-se do período de transição entre o primeiro e o segundo semestre, quando as pautas ambientais ganham força até por conta das alterações de clima na Amazônia, com a passagem da estação chuvosa do primeiro semestre para temperaturas mais quentes no segundo semestre.

Os resultados do levantamento realizado por meio da análise de 122 textos publicados nesse período mostram que institutos de pesquisa e ONGs, especialmente as que também atuam na área de pesquisa, são marcadamente as fontes mais frequentes nesse noticiário. Essas fontes foram reproduzidas, respectivamente, 45 e 44 vezes nos textos que compõem o *corpus* da pesquisa, ou seja, cada uma delas aparece em aproximadamente 35% das notícias publicadas. Pode-se concluir que, em mais de 65% das notícias, as fontes principais são as ONGs e/ou as instituições de pesquisa, se for considerada a totalidade dos textos analisados.

3.1. Amazonia.org e o discurso das ONGs ambientalistas

Cada *site* apresenta um cenário particular no que diz respeito à frequência de utilização dessas fontes. Em *Amazonia.org* verifica-se que as ONGs aparecem três vezes mais do que as instituições de pesquisas. Em segundo lugar, temos os movimentos sociais. Bem próximo, em terceiro lugar, aparecem as instituições de pesquisa, juntamente com o poder legislativo. Porém isso não quer dizer que o discurso científico é menos privilegiado no *site*. Como veremos, ele ganha mais espaço ao atribuir força ao discurso ambientalista de parte das ONGs que também produzem pesquisas científicas, consolidando-se como voz predominante no webjornalismo ambiental.

Tabela 1 - Principais fontes em *Amazônia.org*

Fontes - Amazônia.org	Jun	Jul	Ago	Total
ONGs	2	5	8	15
Movimentos Sociais	1	3	1	5
Instituição de Pesquisa	1	2	1	4
Legislativo	3	1	-	4
Ministério Público Federal	1	-	1	2
Governo Federal (MMA)	-	-	1	1
Associação Cultural	-	1	-	1
Total	8	12	12	32

Para além da análise dos números, deve-se considerar o fato de que o *site Amazônia.org* é produzido e financiado pela ONG Amigos da Terra. Embora a voz das ONGs ambientalistas também ganhe destaque nos demais *sites* pesquisados, sua presença diferenciada em *Amazônia.org* sinaliza a preocupação em estabelecer um canal de divulgação direcionado à sociedade por meio do jornalismo. Em ao menos três notícias do período analisado, o próprio diretor da ONG Amigos da Terra, Roberto Smeraldi, é um dos entrevistados. Outras ONGs atuando como fontes nas notícias do período são *Greenpeace*, *Conservação Internacional*, *The Nature Conservancy*, *Imazon*, *Instituto Peabiru*, *Associação de Defesa Etnoambiental Kanindé* e *Instituto Socioambiental*, todas de caráter ambientalistas como Amigos da Terra.

O resultado do levantamento de fontes aponta que *Amazonia.org* utiliza o webjornalismo para colocar em pauta a agenda de debates proposta pela ONG Amigos da Terra e demais ONGs que compõem seu espectro de atuação - organizações ambientalistas de abrangência internacional em geral. Embora, nas entrevistas que compõem a pesquisa, os membros da equipe tenham enfatizado a proximidade com os movimentos sociais, o levantamento no período estudado mostra que eles ganham destaque apenas razoável nas notícias. Os movimentos sociais têm só um terço do espaço dedicado às ONGs, ainda que essa presença seja mais significativa do que nos demais projetos analisados.

Quanto ao levantamento de temas mais relevantes no noticiário de *Amazônia.org*, seis assuntos se destacaram no período observado. São eles: as propostas de alteração do Código Florestal Brasileiro, o monitoramento do desmatamento na região, questões indígenas, o projeto da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, a pecuária ilegal e a exploração sustentável dos recursos naturais.

As questões indígenas aparecem de forma dispersa na cobertura de *Amazônia.org*, embora com frequência significativa em relação aos demais temas abordadas. O destaque no período estudado foi a divulgação do relatório "Violência contra Povos Indígenas no Brasil -2009"², elaborado pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi).

Uma notícia foi publicada com destaque no dia seguinte à divulgação do relatório, em 10 de julho de 2010. Dentre todas as denúncias apresentadas no documento, o texto de *Amazônia.org* intitulado "Obras de infraestrutura impactam povos indígenas afirma relatório do Cimi" ressaltou os riscos a que estarão submetidos os povos indígenas atingidos pela construção da hidrelétrica de Belo Monte, no Xingu, e a alta incidência de assassinatos e outras formas de violência contra indígenas no estado do Mato Grosso do Sul em 2009.

Esse relatório voltou à pauta em 19 de julho, quando foi publicada uma entrevista com a coordenadora da pesquisa, professora Lúcia Rangel (PUC/SP). É importante verificar, entretanto,

² O relatório pode ser consultado em:

http://www.cimi.org.br/pub/publicacoes/1280418665_Relatorio%20de%20Violencia%20contra%20os%20Povos%20Indigenas%20no%20Brasil%20-%202009.pdf

que em nenhum dos textos analisados há opiniões ou relatos de representantes indígenas. Embora constituam o foco do enunciado jornalístico, não foram procurados como fontes habilitadas para falar sobre suas próprias questões.

Esse silenciamento pode ser percebido pelo viés da subjugação de que trata Neves (2010) ao analisar as práticas discursivas que inventaram a tradição indígena que habita o imaginário brasileiro. O índio visto como ser humano inferior, incapaz de produzir saberes, tomar decisões e expressar suas vontades persiste no jornalismo e até mesmo na atuação de entidades que trabalham diretamente com as questões ambiental e indígena.

Esta invenção do índio se materializou nas palavras, nos corpos, nos artefatos culturais, ela se discursivizou. Os poderosos interesses coloniais, a resistência indígena e as transformações resultantes deste jogo de forças são os discursos que circulam entre nós sobre as sociedades indígenas (NEVES, 2010, p.33).

3.2. A reiteração do exótico no discurso de Globo Amazônia

O levantamento das fontes citadas pelo site *Globo Amazônia* mostra predominância ainda maior de fontes atreladas ao discurso científico. As instituições de pesquisa marcaram presença 26 vezes em um corpus de 79 textos observados, ou seja, apareceram em aproximadamente 33% das notícias. Em seguida, vêm as ONGs e o Governo Federal praticamente juntos, com presença em 19 e 18 notícias. Sendo assim, essas fontes frequentam cerca de 23% das notícias. Somando-se as aparições das instituições de pesquisa, das ONGs e do Governo Federal, o grupo está representado em aproximadamente 78% das notícias de *Globo Amazônia*. Pode-se concluir que as fontes do site estão concentradas de forma significativa nesses três setores.

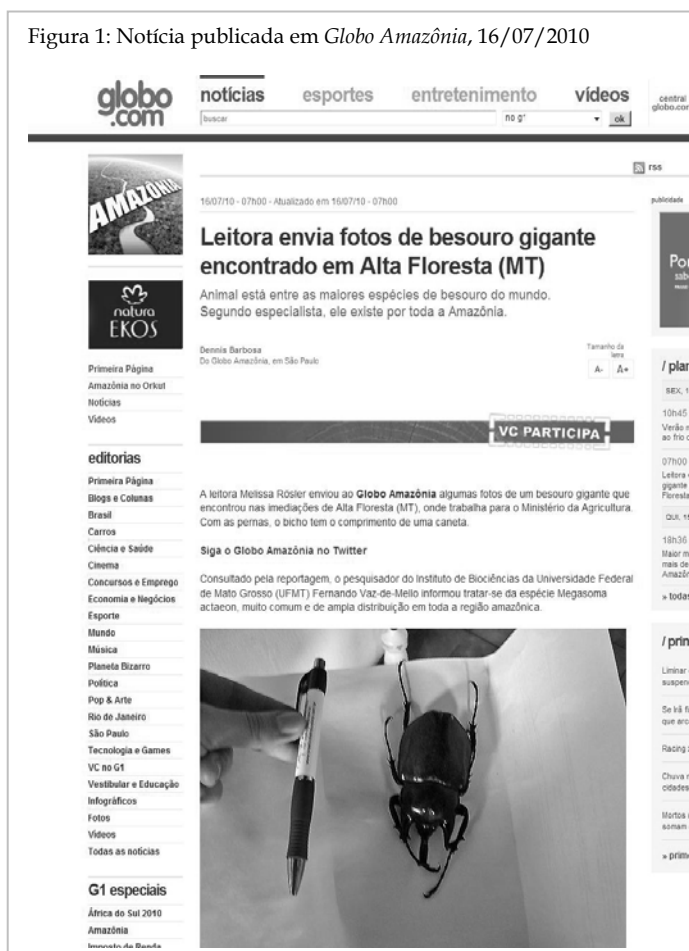
Tabela 3 - Principais fontes em *Globo Amazônia*

Fontes - Globo Amazônia	Jun	Jul	Ago	Total
Instituição de Pesquisa	6	10	10	26
ONGs	10	4	5	19
Governo Federal	4	9	5	18
Revista Científica	2	2	1	5
Legislativo	1	2	1	4
Governo Estadual	0	0	3	3
Governo Municipal	0	0	2	2
Movimentos Sociais	1	0	1	2
Leitor	0	2	0	2
Total	24	29	28	81

Na notícia publicada em 16/07/2010, denominada “Leitora envia fotos de besouro gigante encontrado em Floresta Alta”³, o site mostra as imagens de um besouro gigante enviadas pela leitora Melissa Rösler, que trabalha para o Ministério da Agricultura. A notícia destaca o fato de que o besouro tem “o comprimento de uma caneta”, e vive nas imediações do município de Nova Floresta (MT).

³ Ver em: <http://www.globoamazonia.com/Amazonia/0,,MUL1606806-16052,00-LEITORA+ENVIAR+FOTOS+DE+BESOURO+GIGANTE+ENCONTRADO+EM+ALTA+FLORESTA+MT.html>. Acesso em 12.01.2011.

O discurso jornalístico estabelece uma relação de comparação com a caneta – também mostrada na fotografia publicada no *site* – a fim de impressionar o leitor, comprovando que os insetos da Amazônia são bem diferentes e chamam mais atenção do que os insetos de outras regiões. O componente exótico do discurso jornalístico sobre a Amazônia sobressai mais uma vez, só que agora no jornalismo voltado para a internet. Se formos buscar apoio na etimologia, exótico nos remete ao que é “de fora, exterior” e, mais ainda, ao que é “estranho, estrangeiro, esquisito, excêntrico e extravagante”⁴. Portanto, mesmo com todos os recursos tecnológicos disponíveis e com o suporte da internet e sua tão propagada capacidade de aproximar as pessoas de diferentes lugares, no discurso do webjornalismo, contraditoriamente, a Amazônia permanece um lugar distante, com espécies diferenciadas e um estoque de recursos naturais imensuráveis.



A cobertura do monitoramento por satélites do desmatamento na Amazônia também merece atenção especial. O assunto vem sendo noticiado mensalmente nos sites que realizam a cobertura da agenda ambiental, como é o caso de *Globo Amazônia* e *Amazônia.org*.

Os textos jornalísticos que tratam da divulgação dos boletins do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon) têm uma estrutura muito parecida. Começam com os números do desmatamento captados pelos satélites. Em seguida, tentam traduzir as dimensões das áreas desmatadas por meio de comparações com referências supostamente próximas do público que não é da Amazônia.

O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais detectou desmatamento de 103,5 km² da floresta amazônica nos meses de março e abril de 2010. A área equivale a 64 vezes o tamanho do Parque Ibirapuera, em São Paulo, ou a quase seis vezes o tamanho da ilha de Fernando de Noronha, em Pernambuco. Os dados sobre desmatamento do segundo bimestre do ano foram divulgados nesta segunda-feira (7) (*Globo Amazônia*, 07/06/2010).

Também é publicada, na maioria dessas notícias, uma espécie de ranking dos estados campeões de desmatamento. No entanto, os textos não explicam os fatores que levam esses estados ao topo da lista, como suas dimensões físicas, suas histórias de ocupação, suas economias, entre outros fatores que contextualizariam melhor a questão e que poderiam ser disponibilizados por

⁴ Segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa, versão *online*, disponível em [HTTP://www.uol.com.br/houaiss](http://www.uol.com.br/houaiss), visitado em 07.04.2011.

meio de *hiperlinks*. Além disso, são feitas comparações com os índices de desmatamento detectados em anos anteriores ou nos meses anteriores.

De acordo com o Imazon, o desflorestamento acumulado no período de agosto de 2009 a junho de 2010, que corresponde a 11 meses do calendário oficial de medição do desmatamento, atingiu 1.333km², o que equivale a um aumento de 8% em relação ao mesmo período do ano anterior, quando foram registrados 1.234 km² de devastação. A maioria do desmatamento de junho deste ano ocorreu no Pará (67%). O restante aconteceu no Amazonas (13%), seguido de Mato Grosso (10%), Rondônia (8%), Acre (1%), Roraima (0,5%) e Tocantins (0,5%) (Globo Amazônia, 27/07/2010).

Os dados contidos nos boletins de monitoramento, tanto do INPE como do Imazon, são reproduzidos sem repercussão junto a outras fontes envolvidas com a questão do desmatamento, como governos estaduais, municipais e órgãos de fiscalização ambiental. Os produtores dos dados pautam a notícia e permanecem como referência única sobre assuntos que importam a toda a sociedade.

A divulgação desses números revela uma prática jornalística que privilegia um discurso pouco questionador. O leitor não conta com subsídios para refletir sobre a importância dos mecanismos de monitoramento, muito menos para se questionar sobre o contexto político em que estão envolvidos esses dados. Apresentados de forma isolada, os números representam muito pouco quanto às causas e consequências dos desmatamentos. Sem contar com os diversos atores sociais envolvidos na questão que ficam excluídos do debate.

Assim, o jornalismo coopera para que o desmatamento seja visto como um problema isolado e distanciado. É como se o consumo de carne, madeira e seus derivados nas grandes cidades, por exemplo, estivesse dissociado desse processo. No período pesquisado, o tema do consumo foi mencionado raramente como uma das causas primordiais do desmatamento na Amazônia.

O monitoramento por satélite fornece um parâmetro importante para o controle do desmatamento, mas a visão unificadora da questão silencia um debate mais complexo e polifônico, no sentido abordado por Bakhtin (1981). Para isso, seria indispensável a realização de entrevistas com produtores rurais, agricultores familiares, grandes distribuidores de madeira e carne e até mesmo com especialistas de instituições locais usualmente não consideradas fontes das notícias. Nesta situação, fica claro que a distância entre as redações e a Amazônia influencia de forma definitiva na produção de notícias e na construção do discurso sobre a Amazônia presente nessas experiências jornalísticas.

3.3. O Eco Amazônia e as vozes consolidadas

Institutos de pesquisa, ONGs ambientalistas, o Governo Federal e os movimentos sociais são as fontes mais presentes no período de junho, julho e agosto de 2010 no *site O Eco Amazonia* (ver tabela 5). Ressalta-se que as instituições de pesquisa e as ONGs ambientalistas aparecem duas vezes mais do que o Governo Federal e os movimentos sociais, mantendo praticamente o mesmo patamar de participação encontrado em *Amazonia.org* e *Globo Amazônia*. Um diferencial está nas entrevistas com membros da sociedade civil nas reportagens realizadas na própria região pelos correspondentes do *site*, o que dificilmente ocorre nas demais experiências.

Tabela 5 – Principais fontes de *O Eco Amazonia*

Fontes - O Eco Amazonia				Total
Instituições de pesquisa	6	6	1	13
ONGs	6	3	2	11
Governo Federal	2	2	2	6
Movimento Social e Sociedade Civil	2	3	1	6
Setor produtivo	0	0	2	2
Ministério Público Federal	0	0	1	1
Total	16	14	9	39

É a voz das ONGs ambientalistas que ganha espaço na reportagem “Com os pés no chão”⁵, publicada em 1º de junho de 2010, em *O Eco Amazonia*. O texto jornalístico aborda a retirada de Paragominas (PA) da lista dos municípios que mais desmatam a Amazônia, por meio de uma portaria assinada pela então ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, em 12 de abril de 2010. A ONG *The Nature Conservancy* (TNC) é a primeira fonte citada na matéria.

De acordo com Francisco Fonseca, pesquisador da organização *The Nature Conservancy* (TNC), a virada em Paragominas começou muito recentemente, em 2008. Foi dela a iniciativa de fazer parte do programa Município Verde, fruto de uma parceria entre prefeitura e sindicato de produtores rurais, com apoio do Fundo Vale, da secretaria estadual de meio ambiente, entidades locais, além da TNC e o Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), que faz o monitoramento por satélite do desmate no município e entrega mensalmente à prefeitura índices e mapas sobre a existência de focos de calor e corte raso e degradação. Desta forma, o município tem condições de agir rápido e saber exatamente quem desmatou e onde (*O Eco Amazonia*, 01.06.2010).

O assunto enfocado na reportagem cria a necessidade de ouvir o executivo municipal, o que só ocorre raras vezes nos três *sites* pesquisados. Já os governos estaduais e, principalmente, o federal aparecem com frequências maiores. A falta de referências ao poder municipal nos demais textos analisados é outra evidência da desvalorização das fontes locais nos textos pesquisados. No entanto, nesse caso, o prefeito de Paragominas, Adnam Demachki, é a fonte que explica como aconteceu a aliança com o setor produtivo no município.

O acompanhamento do desmatamento de maneira mais próxima resultou numa redução de quase 90% do corte entre 2007 e 2009 no município, comemora o prefeito. “Eu não baixei nenhum decreto de desmatamento zero. Chamei a população e construí tudo em conjunto,” diz Demachki. “Nossa preocupação não era só sair da lista, é com a etapa posterior. Estamos buscando um pacto pelo produto de origem responsável, seja madeira, carne ou grãos. Sabemos que a sociedade vai reconhecer este esforço e pagar mais por esta garantia”, continua o prefeito de Paragominas. Ele diz que por conta desse comprometimento, metade do seu tempo na prefeitura é gasto com assuntos ambientais (*O Eco Amazonia*, 01.06.2010).

⁵ Ver em: <http://www.oecoamazonia.com/br/reportagens/brasil/31-com-os-pes-no-chao>.

Nenhuma outra fonte de Paragominas foi entrevistada. Assim, a reportagem não inclui as impressões da população sobre a iniciativa de combate ao desmatamento, visto que o prefeito representa o discurso oficial da administração municipal. O relato das experiências do setor produtivo, por exemplo, teria papel fundamental para a compreensão do processo de combate ao desmatamento implantado no município, bem como o posicionamento das associações de trabalhadores rurais e da própria população da cidade que, em tese, poderia passar a enxergar o município de forma diferente a partir de sua retirada da lista dos maiores desmatadores da Amazônia. Isso só poderia ser confirmado, no entanto, em interlocução com moradores de Paragominas.

4. Considerações finais

Ao analisar as características dos sites *Amazônia.org*, *Globo Amazônia* e *O Eco Amazonia* constatou-se que essas iniciativas não utilizam grande parte dos recursos que diferenciam o *webjornalismo* das formas tradicionais de jornalismo, em especial do impresso. Embora esses sites tenham apresentado atualizações frequentes de notícias no período estudado, eles disponibilizam poucos espaços à interação com o leitor, além de baixa hipertextualidade, o que se constitui como subaproveitamento dos recursos disponíveis na internet. Em *O Eco Amazônia* percebe-se uma preocupação maior em conceber material específico para a internet, com a utilização de vídeos, galerias de imagens e infográficos interativos, por exemplo.

O resultado do levantamento de fontes e temas mais frequentes no *corpus* de textos jornalísticos selecionados reforça a tese de que essas experiências colaboram para perpetuar as mesmas vozes que constituem fontes consolidadas no jornalismo tradicional, detectadas em estudos anteriores, principalmente as ONGs ambientalistas e os institutos de pesquisa.

Os textos jornalísticos, em sua maioria, não contam com os pontos de vista elaborados em nível local, como os das populações tradicionais, associações de trabalhadores rurais, setores produtivos, o que também confirma nossas suspeitas iniciais. As vozes das diversas populações amazônicas permanecem silenciadas para dar espaço às falas inscritas nas formações discursivas científica e ambientalista. Martín-Barbero reflete sobre essa hegemonia do saber tradicional e verifica a chance de mudanças a partir do que chama de “novas tecnicidades”.

Nossas sociedades são, ao mesmo tempo, “sociedades do desconhecimento”, isto é, do não reconhecimento da pluralidade de saberes e concorrências culturais que, sendo compartilhadas pelas maiorias populares ou as minorias indígenas e regionais, não estão sendo incorporadas/integradas como tais nem aos mapas da sociedade nem sequer aos de seus sistemas educativos. Mas a subordinação dos saberes orais e visuais à ordem habitual sofre atualmente uma erosão crescente e imprevista que se origina nos novos modos de produção e circulação de saberes e de novas escritas que emergem através das novas tecnicidades, especialmente do computador e da internet (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 55).

Ausência significativa na pauta diz respeito à atuação das empresas multinacionais que atuam na Amazônia, como a multinacional Vale e demais mineradoras, além de indústrias que utilizam mão de obra e matéria-prima da Amazônia sem investir na verticalização da produção. Trata-se de uma ausência que prejudica a compreensão do panorama amazônico em toda a sua complexidade, o que envolve fatores ambientais, econômicos, políticos e, principalmente, históricos, visto que a forma de atuação dessas empresas remonta à antiga e ainda presente concepção de que a Amazônia é um reservatório de recursos naturais pronto a servir as áreas mais desenvolvidas do país e, principalmente, o mercado internacional.

O distanciamento jornalístico que enfatizamos nas análises dos textos traduz-se como um envolvimento superficial com a região e com os dilemas socioambientais vivenciados de perto pela

população local. Tal questão é encontrada em maior ou menor proporção nas três experiências estudadas. No entanto, não se abre mão de utilizar a Amazônia como um catalisador de leitores preocupados com o futuro da região nem da força simbólica do meio ambiente enquanto temática primordial na atualidade.

Constatamos, por fim, que existem recursos tecnológicos suficientes para que se possa repensar a linguagem jornalística na *web* e oferecer ao público uma nova experiência com o webjornalismo, mas é necessário observar que a interatividade humana entre leitor e jornalista não pode mais permanecer em segundo plano, sob pena de as iniciativas jornalísticas apresentarem-se defasadas antes mesmo de sua consolidação.

No que diz respeito à Amazônia, destacamos a necessidade de reconhecimento dos direitos de suas populações, entre eles o de ter sua voz representada em espaços iguais aos dedicados a qualquer outro setor da sociedade. A humanização da cobertura jornalística se constitui, assim, como um passo inadiável para um webjornalismo ambiental de melhor qualidade e mais pluralista do ponto de vista discursivo.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*; tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1981.
- COSTA, Luciana. *O boom ambiental na imprensa. Uma análise das notícias sobre desmatamentos e queimadas na Amazônia na década 70 aos anos 2000*. In: *Desenvolvimento e Meio Ambiente*. Editora UFPR. Nº 17. Jan./jun. 2008.
- DALMONTE, Edson. *Pensar o discurso no webjornalismo: temporalidade, paratexto e comunidades de experiência*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- FAUSTO NETO, Antonio. *Fragmentos de uma analítica da midiatização*. Revista Matizes. São Paulo: ECA/USP, vol1, nº 2. 2008. Disponível em: <http://www.matrizes.usp.br/ojs/index.php/matrizes/article/view/47>. Acesso em 15.11.2010.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século*. In: MORAES, Dênis. *Sociedade midiatizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- NEVES, Ivânia. *A invenção do índio e as narrativas orais Tupi*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 2009.
- ORLANDI, Eni. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ª edição - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007b.
- PALACIOS, Marcos. *O que há de (realmente) novo no Jornalismo Online?* Conferência proferida por ocasião do concurso público para Professor Titular na FACOM/UFBA. Salvador, Bahia, em 21.09.1999.
- SANTOS, Ana Lúcia Prado Reis. *Informação fast-food: um estudo de caso do jornal "Último Segundo", do portal IG*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Facom/UFBA, 2002.